

Ó casamento da Infanta D. Beatriz em Sabóia (1521) e a mais antiga alusão a Gil Vicente

Rafael Moreira*

Anais de História de Além-Mar XXI (2020): 349-382. ISSN 0874-9671

Resumo

Este artigo apresenta um texto de 1588 que se julgava perdido, um Nobiliário da família Castelo Branco nos capítulos onde é transcrita a carta de D. Martinho, conde de Vila Nova de Portimão, ao rei D. Manuel, narrando-lhe a viagem da Infanta D. Beatriz até Nice em 1521, o seu casamento com o duque de Sabóia, e os festejos que se seguiram, escrita logo após os acontecimentos em linguagem viva, fluente e colorida, e com abundância de pormenores inéditos. Destacam-se alguns deles, em particular a primeira alusão conhecida ao nome de Gil Vicente como autor de peças teatrais.

Palavras-chave: Sabóia, D. Beatriz, Vila Nova de Portimão, D. Martinho Castelo Branco, Gil Vicente.

Data de submissão: 04/10/2019

Data de aprovação: 01/06/2021

Abstract

The present article reveals a 1588 text thought to be lost, a “Nobiliário da família Castelo Branco” in the chapters transcribing count of Vila Nova D. Martinho’s letter to king Manuel, reporting princess Beatriz travel to Nice in 1521, her marriage with duke of Savoy and the festivities that followed, written immediately after the events told in a fluent, colorful, vivid language, full with unknown details in other sources. Some of them are studied, particularly the first reference to Gil Vicente as a play author.

Keywords: Savoy, Beatriz, Portimão, count D. Martinho, Gil Vicente.

Date of submission: 04/10/2019

Date of approval: 01/06/2021

* CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9504-7490>. E-mail: rfdmoreira@gmail.com.

O casamento da Infanta D. Beatriz em Sabóia (1521) e a mais antiga alusão a Gil Vicente

Rafael Moreira

Têm-se repetido nestes últimos anos as manifestações de interesse pela figura subestimada da segunda filha do rei D. Manuel I, quer na Itália, quer em Portugal. Após o surto de atenção em fins do século XIX e inícios do XX por parte de eruditos italianos e portugueses, decerto motivado pela importância política da dinastia dos Sabóia e pelo casamento de D. Maria Pia com o nosso rei D. Luís I (1861-89), poucos se haviam ocupado do tema, deixado no limbo da *petite histoire* de duques e princesas. Agora multiplicam-se os estudos sobre a infanta – Beatriz ou Brites, como a avó - na via já apontada em 1978 por Joaquim Veríssimo Serrão¹; ou indo além, situando-a na vida cortesã europeia, na rede da diplomacia da época, ou na “história de género” feminista². Sem termos a pretensão de entrar em qualquer um desses domínios, limitamo-nos aqui a dar a conhecer um documento que o acaso de outras investigações nos trouxe às mãos mas julgamos merecedor de ampla divulgação³. Trata-se de cópia (talvez de meados da 2.ª metade do século XIX) de parte de um original hoje perdido: o *Nobiliário da Família Castelo-Branco* composto em 1588, de que se transcreveram com cuidado os capítulos referentes à viagem a Provença – fruto do forte interesse da historiografia pelo casamento de D. Beatriz em Sabóia - da célebre armada chefiada por D. Martinho de Castelo Branco (1461-1531), poeta-humanista 1.º Conde de Vila Nova de Portimão desde 1514, morgado da Póvoa (de Santa Iria), e ilustre fidalgo manuelino (Inácio 2017).

O essencial do documento é constituído pela transcrição da longa carta que o Conde enviou de Sabóia ao rei D. Manuel I a contar-lhe em pormenor o desenrolar dessas festas, a que o anónimo compilador terá tido

¹ Chamou a atenção para o «grande filão a explorar» nos arquivos de Chambéry, Nice e Turim sobre o destino dos nobres portugueses fixados na corte saboiana: Serrão 1978, 30-31.

² Destaco a bela monografia da colega Ana Isabel Buescu, e vários artigos e conferências de Carla Alferes Pinto, tais como Pinto 2018

³ Biblioteca Pública de Évora, Cod. 431, n.º 2. Proveniente da famosa Biblioteca da Manisola, organizada pelo 2.º Visconde da Esperança, José Bernardo de Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo (1841-1925), na sua Herdade da Manisola, nos arredores de Évora, copiou-o de original emprestado por Nepomuceno algum paleógrafo bibliotecário em Évora discípulo de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879), então em Goa, regressado em 1877 (Silveira 1946, 29). Usado em nossa tese doutoral, perdemos o rasto ao códice, só há pouco o reencontrando pela mão amiga de Francisco Bilou, do Museu de Évora.

acesso no arquivo dos Castelo Branco, tal como outros textos oficiais que igualmente transcreveu. À mesma carta alude o dicionarista Inocêncio da Silva, mas podemos dá-la como perdida, visto mais ninguém a referir nem parecer tê-la visto.

O perdido *Nobiliário* de 1588 – que terá pertencido à Casa Abrantes, herdeira da dos Condes de Vila Nova de Portimão, sofrendo descaminho após ter sido leiloado com a vasta colecção do arquitecto José Maria Nepomuceno (1836-1895) — está na origem desta cadeia de transmissões, sendo descrito pelo autor da compilação como «este Sumario» (fls. 7, 9, 10) para ser lido por «curiosos» (fl. 14): o que sugere um destino de circunstância mais do que real projecto de ambição histórica. Pensamos tratar-se de documento com carácter jurídico, porventura feito no âmbito da longa e espinhosa questão legal do senhorio de Vila Nova de Portimão, com o intuito de enaltecer junto à Coroa os feitos e alto valimento régio da família Castelo Branco. Relembremos os factos.

Em 1531 falecia em Lisboa no seu palácio do Limoeiro D. Martinho, 1º Conde de Vila Nova de Portimão e grande figura de fidalgo cortesão, íntimo de quatro reis. Do casamento com D. Mécia de Noronha tivera 12 filhos, mas tal descendência não se mostrou à altura de tão ilustre progenitor. Extinto o título por morte do primogénito em 1519, ficou a ser senhor de Portimão com o ofício de *camareiro-mor do rei* o filho segundo, D. Francisco (m. 1548), que o abandonou «por perceber que o monarca [D. João III] não gostava do seu serviço» (Inácio 2017, 123), indo viver para a sua quinta da Póvoa: a bela Quinta da Piedade na Póvoa de Santa Iria, com ermida e oratórios (dat. 1531) em estilo manuelino exótico e grande paço rodeado de jardins a meio dum baluarte do Renascimento, desenhado sob o influxo da arquitectura militar de origem italiana típica da época⁴.

O seu filho D. Martinho (II), ainda algum tempo senhor de Vila Nova de Portimão, entrou em conflito aberto com a população, pondo a Câmara com insistência em causa a legitimidade do senhorio alegando ser exclusivo real. Embora o velho palácio do Limoeiro mantivesse o prestígio de outros tempos (nele gostava de se vir alojar o Cardeal-Infante D. Henrique, que aí tomou posse em 1574 como regente à ida do Rei a Tânger), esse morgado da Póvoa e senhor de Portimão teve de recorrer a cartas régias para que o povo de Vila Nova obedecesse às suas ordens, de 1552 a 64 pelo menos. No relato

⁴ Ver Mangucci 1998.

da visita ao Algarve em 1573 de D. Sebastião⁵ (Magalhães 1983, 135-72), que passou com ele em Portimão a última semana de Janeiro, o seu nome não é sequer mencionado pelo cronista local João Cascão; e a confusão torna-se total nos anos a seguir à tragédia marroquina de Alcácer-Quibir (1578), em que D. Martinho — tendo consigo um exemplar d’*Os Lusíadas* do amigo Luís de Camões — e o irmão menor D. Diogo morrem em combate.

Disputam então a posse útil do senhorio da vila nada menos de três descendentes do falecido primeiro conde: seu neto D. Manuel, resgatado da prisão após o desastre de Alcácer-Quibir; a única sobrinha sobrevivente, D. Branca de Vilhena, irmã do herdeiro D. António, falecido antes de tomar posse; e D. Joana da Silva, viúva do último senhor, D. Martinho II. Afirmada a titularidade da Coroa pela rendição da vila ao invasor castelhano Marquês de Santa Cruz (1580), passados quatro anos os Desembargadores do Paço davam o parecer unânime de o senhorio estar devoluto para o Rei⁶.

Portimão é assim reintegrada nos bens dos Filipes, que logo promovem a sua defesa pelo engenheiro Alessandro Massai. Mas os antigos senhores não desanimaram de recuperar o seu domínio; e seria D. Manuel — que casara com a sobrinha D. Branca de Vilhena — a consegui-lo. Em 1596 reme-tia 15 consultas em seu favor ao Desembargo do Paço para ele reavaliar o parecer que emitira, obtendo finalmente o que pretendia: por carta régia de 1616, Filipe II (III de Castela) concedia-lhe a mercê de 2º Conde de Vila Nova de Portimão, deste modo renovando o senhorio em suas mãos.

D. Manuel de Castelo Branco, cativo aos 18 anos em Marrocos, fora em 1591 nomeado camareiro-mor de Filipe II, havendo garantido a posse do porto algarvio pelo sucessor em 1602. «Homem dedicado aos estudos, era versado em Matemática e dedicava-se à Genealogia, tendo mandado imprimir em 1625 a sua obra genealógica *Árvore de Costados das Casas Titulares de Portugal*» (Inácio 2017, 180). Terá sido ele a encomendar a um jovem advogado genealogista amador o levantamento da história dos Castelo Branco e dos muitos serviços prestados aos reis portugueses (sobretudo com o elogio dos feitos do avô D. Martinho), pronto a 6 de Abril de 1588 e enviado pouco depois ao Desembargo do Paço como apoio a seu requerimento. O dicionarista Inocêncio Francisco da Silva refere esse manuscrito (que,

⁵ Para a *Relação* de João Cascão (1573), ver Iria 1976. Ainda aos 27 de Maio de 1575, D. Sebastião passava «carta de confirmação» da posse de Vila Nova de Portimão a D. Martinho: bifólio em pergaminho com assinatura real autógrafa recentemente leiloado pela livraria antiquária *Eclética*, que, no entanto, o confunde com o avô (catálogo *Biblioteca Particular*, VI Parte, 2018, n.º 64, p. 46).

⁶ Para a transcrição integral desse parecer, de 29 de Novembro de 1584, ver Inácio 2017, 156-159.

no entanto, não parece ter visto), e atribui-lhe a autoria baseada em Diogo Barbosa Machado – mas equivocado no nome – a um suposto «Luiz Antonio Ferreira»⁷ (Silva 1897, 5).

Na verdade, a *Bibliotheca Lusitana* fala em «Luís Ferreira de Azevedo», nascido em Lisboa após o meado do séc. XVI, formado em Direito em Coimbra, aí professor de Jurisprudência Canónica, desembargador da Relação do Porto (1604), procurador da Alfândega de Lisboa e desembargador da Casa da Suplicação nesta cidade (1609), nomeado cronista-mor do Reino em 1611 e aposentado no ano seguinte, com fama de grande erudito (Machado 1752, 94; Machado 1758, 684; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, XI, 189). Escreveu vários livros, mas todos ficaram inéditos: um *Tratado da Nobreza e Excellencias de Portugal. Tratado da descendencia e armas da Familia dos Gouveas*, oferecido em 1603 a Manfredo de Gouveia morador em Sabóia, o nobiliário *Linhagens dos Castello-brancos, Mascarenhas, Velhos e Barretos, de quem dizia ser descendente*, e uma *Narração do apresto naval que em Lisboa se fez no anno de 1590 contra a Armada Ingleza*, mandada escrever pelos Governadores do Reino, isto é, durante o período de 1593 a 1599 em que o poder esteve confiado a cinco nobres portugueses no lugar do vice-rei, o arquiduque Alberto de Habsburgo.

É fácil imaginar esse recém-licenciado contratado por D. Manuel de Castelo Branco para lhe organizar o arquivo familiar entretido a escrever-lhe a genealogia, com o propósito de convencer os juristas do Desembargo do Paço (de que mais tarde faria parte) a restituir-lhe os velhos direitos sobre Portimão, entremeadas de expressões jurídicas e longos excertos dos documentos mais significativos que ia coligindo. Pena é que esse arquivo tenha sofrido descaminho – senão mesmo desaparecido de todo –, e que hoje em vez de originais devamos nos contentar com sua transcrição em 1588 por Luís Ferreira de Azevedo copiada pelo paleógrafo oitocentista: versão de terceira ou quarta mão, portanto. De superficial cultura histórica dão prova as raras fontes que usa: além do óbvio Garcia de Resende e o passo relativo de Damião de Góis (*Crónica do Sereníssimo D. Manuel*, 1567), apenas o poema valenciano *La Carolea* (1550) de Jerónimo Sampere e os *Libros del Compendio Historial* (1556-66) do basco Estéban de Garibay.

⁷ O catálogo do leilão da biblioteca Nepomuceno (Trindade, 1897), além de outra cópia de 38 fólios igual à da Manisola (n.º 1966), inclui o códice «Descendência e Linhagem dos Castello-Branco» (n.º 2187): autógrafo in-fólio de 260 folhas com colofon *Finis Laus Deo 6 die Aprillis 1588*, porém dedicado a D. Duarte de Castelo Branco, conde do Sabugal. O jovem D. Manuel de Castelo Branco (1560-1626) julgou mais seguro acolher-se ao apoio do ilustre primo, a quem decerto devia a sua libertação do cativeiro!

Apesar de tudo, o documento que aqui apresentamos parece-nos merecedor de atenção. Ressalta a prosa viva e ágil da carta de D. Martinho de Castelo Branco (de que o jurista se esqueceu de nos dar a data, mas podemos situar antes do meio de Outubro de 1521), repleta de pormenores concretos do maior interesse e desconhecidos da historiografia. Como tantas vezes sucede, só no fim a pena do missivista é livre de se deixar correr ao sabor das sensações vividas em cada momento, ao narrar a D. Manuel I - e ao leitor, ou ouvinte - as festas decorridas em Nice quando do banquete oferecido pelo Duque às «damas» locais e aos cavaleiros de sua corte ou vindos de Portugal, com a cena deliciosa, a que não falta ponta de humor ou fina ironia, da dança rápida e mexida do *tordião* (espécie de galharda do século XVI) ao som de tambores e pífaros, regada por bons vinhos brancos e «vermelhos» enquanto os bispos e condes lançavam-se uns aos outros bolas de miolo de pão; ou o percurso triunfal da Infanta ao longo dos arrabaldes, entre a multidão popular em festa e os frades a exibirem ao público as suas relíquias mais preciosas como forma de sedução.

Curiosos também, para a História da cultura e das mentalidades e uma análise identitária dos nacionalismos então a despontar, os insistentes confrontos que o Conde estabelece em paralelo entre os costumes e *usanças* dos Portugueses e os de outros povos europeus: Saboianos, Franceses e Suíços (ou «Soizesos», como lhes chama). Mas das recomendações de que constava o seu «Regimento» se depreende que porventura o grande objectivo de D. Manuel, ao consentir nesta aliança matrimonial entre a filha e o titular dum obscuro ducado encravado nos Alpes, era servir-se em proveito próprio das excelentes relações familiares e alto prestígio do Duque de Sabóia junto do rei de França e do imperador Carlos V, de forma a levar a bom termo o casamento deste último com a sua filha primogénita D. Isabel, como viria a suceder; bem como reforçar uma imagem propagandística de grande senhor da Cristandade, verdadeiro poço de riquezas, perante o Papado e a Itália, e a Europa em geral. Não será por acaso que o relato se fecha a cantar as glórias portuguesas, com a rotunda afirmação de que o «*têm todos escrito a Roma e a França*».

Um pormenor merece especial destaque: a referência que D. Martinho faz a Gil Vicente (fl. 38r) como figura bem conhecida, sem necessitar de mais explicações ao leitor. Supomos ser essa a primeira alusão ao famoso ourives-comediante (sem contar, claro está, as contidas na documentação oficial a ele referente), anterior de mais de uma década ao elogio que lhe faz Garcia de Resende na sua *Miscelânea* de 1533, pouco antes de o artista

falecer⁸. Em 1521 ele estaria no auge da fama pela crescente qualidade literária e cénica das suas representações teatrais, tendo já abandonado a produção de obras plásticas do mais alto requinte, que tiveram o ponto máximo na primeira década do século ao executar a custódia do Mosteiro de Belém (1503-1506) feita com o primeiro ouro trazido da Índia por Vasco da Gama, proveniente do pagamento das ‘páreas’ ou tributo de vassalagem a D. Manuel I pelo sultão de Quíloa, e a moldagem em barro passada a pedra da janela do topo do novo coro do Convento de Cristo em Tomar (1510), que lhe atribuímos em artigo recente (Moreira 2019, 70-83).

E ainda outro detalhe: a insistência do regimento manuelino em proibir que os fidalgos portugueses se afastassem dos seus barcos, com a obrigação do regresso mais rápido possível, torna muito pouco provável – leia-se: impossível – que Brás Afonso de Albuquerque (ou até João Roiz de Sá de Meneses) hajam abandonado a armada para viajar pelo Norte da Itália, indo a Ferrara ver o Palazzo dei Diamanti: o que obriga a rever quanto se tem imaginado sobre a fonte de inspiração dos “diamantes” da fachada da Casa dos Bicos, começada a construir logo em 1528.

Resta-nos um derradeiro dado, mas não de menor importância: a informação – cremos que também ela desconhecida da historiografia – de que D. Manuel incumbira de redigir o relatório final da viagem a Sabóia e das festas do casamento de sua filha com o Duque a grande figura de escritor humanista que foi João Rodrigues de Sá de Meneses, alcaide-mor do Porto e genro de D. Martinho. Se ele cumpriu tal tarefa, teremos talvez aí, a ser descoberto algum dia, o documento definitivo sobre esse episódio que tanta atenção está a despertar ultimamente. Pensamos que o fez, embora não conste de suas obras conhecidas; e que o beneficiário, pouco depois, desse texto foi o cronista Gaspar Correia no seu manuscrito *Crónicas de D. Manuel e de D. João III*⁹ (Correia 1992, p xxxiii-xxlv e 143-159), que contém a mais minuciosa e completa narrativa do casamento de D. Beatriz e sua ida para Sabóia, bem como dos festejos que lá se realizaram até ao regresso da armada. Mas esta particularidade pode ser matéria de outro estudo, de análise literária com índole comparativa, para o qual não nos sentimos vocacionados, e que aqui deixamos à consideração de outrem mais habilitado.

⁸ Camões e Sales Machado 2010 chamam a atenção, entre os testemunhos contemporâneos, às referências elogiosas de Fernão de Oliveira na sua *Gramática* (1536) e sobretudo de André de Resende no *Genethliacon* (1533, mas remontando a 1531).

⁹ O cronista achava-se então na Índia.

[NOTA sobre a transcrição: O texto em letra do século XIX é reproduzido em leitura paleográfica, com a indicação das mudanças de fôlio por uma barra /, seguida entre parênteses curvos da numeração no códice apenas nos fólhos «recto». A foliação escrita a lápis por mão moderna no canto superior direito data talvez de 1966, quando o ms. recebeu a cota actual. Manteve-se a pontuação – incluindo os raros parênteses, indicados por barras –, os acentos, e o uso de maiúsculas da cópia oitocentista, que reputamos ser fiel ao original.]

Hida da Infanta D. Biatriz para Saboya: copia do Capitulo 75 d'um precioso Nobiliario da familia Castello-branco que existe na livraria do architecto Joze Maria Nepomuceno. Ms. precioso e autographo escripto no tempo do Cardeal Alberto, e datado no fim a data de 6 de Abril de 1588 ~

(fl. 4) Capitulo lxxv, como o conde de Villa noua leuou a Inffante Dona Britez a Saboya ao duque Carlos seu marido, em huã poderosa armada de que foi e veyo por capitão geral e guouernador com os mais particulares que na jornada ouue:

No anno de 1521, domingo de Pascoella sete dias do mes dabril foi recebida na Sée desta cidade de Lisboa a Inffante Dona Britez filha segunda del Rey Dom Manuel com Monseor Debaleisom ou segundo outros De baleisam embaixador do excellente / duque Carlos de Saboya princepe de Piemonte en nome & como procurador especial pera o caso do dito senhor, avendo mais de quatro anos que com grande instancia e por diuersas embaixadas o dito duque procuraua & trataua de feito do dito casamento & a dez de agosto do dito ano de 1521 partio de Belem a frota e armada em que a dita Senhora Inffanta foy leuada a Saboya: Dela naceo o muy excelente & de muito valor duque Manuel Filisberto seu filho, que casou com Madama Marguarita filha del Rey Henrique de França pay e may do duque Carlos que oje he casado com a Infante Dona Catharina, filha del Rey Dom Fellepe o segundo das Espanhas nosso senhor /~

O apercebimento desta armada, a riqueza della, o infinito gasto e louçaynha dos senhores fidalguos e pessoas que nella forão, a magestade real que en tudo ouue, não he necessario particularmente ser relatado neste lugar; podelo ha ver quen quiser / (fl. 5) em hum memorial que deste casamento & ida de Saboya deixou escrito Garcia de Resende, que anda junto com a Chronica que elle compos del Rey Dom João o segundo,

& com outras obras suas e tãobem em Damião de Goes, posto que mais sumariamente na Chronica del Rey Dom Manuel, quarta parte cap. 70, e na Carolea e en Garibay Liv.^o 35 cap. 33.

Para nosso intento por iuitar prolixidade bastará per ora saber que a armada foi de 18 vellas de que erão quatro naos grossas, entrando a não Santa Catharina de Monte Sinay en que o conde de Villa noua leuaua a dita Senhora Inffanta, que era de oitocentos toneys / ou de mil, conforme a Damião de Goes / toda guoarnecida & armada de toldos bandeiras & paramentos de sedas, tellas e brocados, huma das mais ricas e fermosas peças que no mar nunca entrou e nella alem das camaras da Inffanta leuaua o dito conde huma sua, que ainda oje ha en sua casa toda armada de rico broca/ do de pello muy bem alcatifada con cama do mesmo brocado & com outros muito ricos concertos, segundo por estas palauras o dito Resende conta. / Hião mais dous gualiões, cinco náos. quatro gualees, duas carauellas e huma fusta, que perfazião o numero das dezoito vellas, todas tão prouidas de artelharía & monições de guerra que afora a ordinaria que tinhão & sohião trazer ao tempo que forão tomadas para esta jornada lhe forão metidos mais 537 tiros de toda qualidade como o dito autor aponta, o qual depois de encarecer os concertos e guarnimentos dos ricos toldos estãodartes bandeiras armações de camaras, apercibimento e gualantaria das vellas, enxarceas de todos os ditos navios & bateis dellas e as infinitas sedas e brocados de diuersas sortes e cores e deuisas & borlados e entretalhados, que nellas avia, resume tudo dizendo, que poucas vezes ou nunca se veria armada en tudo tão concertada / porque ainda que se fizessem já outras muito mayores com muita parte se não farião / (fl. 6) tão ricas e se fossem tão rycas, diz, que não serião tão atiladas, e se o fossem em alguma cousa não o serião en todas como esta foi. / E o custo que fez, poem por orçamento en seiscentos mil cruzados, dizendo, que esta contia de despesa se affirmaua e avia por muy certa, posto que a Carolea poem a despesa real dela em cincoenta mil cruzados. ~

Nesta armada iriã cincoenta ou sessenta fidalguos todos escolhidos de todas as mais illustres & principaes familias de Portugal, que certo quem ler o relatorio deles que fazem o dito Garcia de Resende & Damião de Góes, poderá julgar, que de proposito se procurou tiralos de todas as casas e gerações fidalguas, porque não ouuesse nhuma que deste seruiço não participasse e para dar mostra em Saboya e França da diuersidade de apellidos, linhagens & casatas que en Portugal avia. Hião mais com a dita Senhora Inffanta dez donas & damas de muy calificadas fidalguias afóra / outras tres damas nobres e moças da camara & da guarda roupa. Nos vestidos,

espadas & colares destes setenta fidalguos entre homens e molheres e nos demais gente nobre officiaes e ministros e pessoas principaes, que na dita armada forão e nas librés de seus escudeiros, pagens, moços de esporas, e remeiros & ministros de instrumentos e nos ricos jaezes e guarnições das encavalguaduras que leuarão e assy nas riquissimas camas baixelas e armações se conta que ouue tanta soma de pedraria, perolas, canotilhos, chaperia, borlados de aljofar e de ouro de martello, cadeyas, joyas, e pontas, e botões de ouro, e esmaltes e inuenções, com muita copia de charamellas, sacabuxas, trombetas e atambores, & muitos outros instrmentos, que nem quen tomou por intento escreuer os particulares disto se atreueo lembrar-se da riqueza policia e abastança de tudo & pera se lhe crer a muita soma que diz destas cousas propoem que estaua este Reyno de Portugal então o mais rico da christandade e / (fl. 7) remata con dizer que nunca tal gente se vio de riqueza & gualantaria, e que principalmente forão muitos muy grandes & muy ezcessivos os gastos do Arcebispo de Lisboa, e do dito conde de Villa noua, e os que fez o conde almirante com Dom Francisco e Dom Esteuão da Gama seus filhos que com os mais fidalguos acompanharão a dita Senhora Inffanta.

E en jornada de tanta magestade e pera guouerno de tal gente e de huma tal frota e armada escolheo El Rey Dom Manoel a dinissima pessoa do conde de Villa noua camareiro mor do Principe seu filho sendo em idade de sesenta & cinco anos em que não sòmente com suas calidades e muitos merecimentos, prudencia, e partes mas tãobem com a velhice e cans daua ser e autoridade ao loguar que leuaua de capitão geral e guouernador de toda armada e gente dela. E posto que alem do bispo de Targua hia outra pessoa e eclesiastica tão principal em dinidade como he / neste Reyno o Arcebispo de Lisboa que então se chamaua Dom Martinho da Costa, El Rey poreo ao dito Conde entregou a dita Senhora Inffanta sua filha e elle a leuou na dita nao Santa Catharina atee a entregar ao duque seu marido como particulamente pondera o dito Garcia de Resende em o dito Relatorio desta ida acrecentando apos isto que El Rey tinha en grande estima ao dito conde e era pessoa a que S. A. mostraua muito amor & confiança e a quem sempre deu parte de todas suas cousas e segredos / com elle hião quatro filhos seus, e tres genros, e tres netos como aponta / alem dos ditos autores / o camareiro mor Dom Francisco seu filho mais velho em huma carta sua de agrauos pera El rey Dom João o terceiro que muitas vezes neste Sumario tenho aleguada, e bem era que assy como a pessoa do conde principalmente entre todos autorisaua esta jornada assy os que delle precedião fossem os mais que de huma familia ajudassem &

acompanhassem neste tão honrado seruiço, / (fl. 8) os nomes dos filhos do conde erão Dom Francisco de Castello Branco filho mais velho, Dom João de Castello Branco filho segundo, Dom Antonio de Castello Branco, filho terceiro, e Dom A^o de Castello Branco filho quarto, dos quais e de cada hum em seus lugares diremos o que fizerão e merecerão e quais sempre forão. Os genros do conde erão Alonso Peres Pantoja, senhor e comendador de Santiago de Cacem, João Rodrigues de Sá alcaide mór do Porto, Ruy de Sousa. Os netos forão Pedro Pantoja e Martim Vaz, seu irmão filhos do dito Alonso Peres e Francisco de Sousa filho de Ruy de Sousa dos quais tãobem adiante particularmente se ha de tratar, quando se fallar das filhas do conde que con elles casarão / ~

Teue esta armada em sua viagem tempos contrairos & em fim aportou em Saboya no porto de Villa Franca de Nisa, depois de perto de dous meses de mar – sc. - de dez d'agosto ate vinte e noue / de setembro e com huma não menos que foi a do dito Alonso Peres que com tormenta atrauez de Cartagena deu na nao de Dom Francisco filho do conde & ahi se desaparelhou, e porque o mais sucedido no discurso da viagem não he de muita importancia não farey aqui disso menção. O modo que se lá teue no recebimento, as festas que se fizerão se verão adiante pelo treslado de parte de huma carta que o dito conde escreueo a El Rey en que largamente lhe dá conta de tudo e apos o seguinte capitulo irá tresladada, da qual constarão tãobem parte dos seruiços do conde e modo que teue em proceder nos particulares de toda esta jornada e casamento, e as muitas honras que lhe pelo duque e pelos seus forão feitas, e das que per o mesmo respeito recebeo de El Rey Dom Manuel as da ida se entenderão dos poderes & comissões que lhe deu que no capitulo seguinte se resumirão e as da vinda toca o camareiro mór D. Francisco seu filho na dita carta atras neste capi/ (fl. 9) tulo aleguada apontando que quando o conde veyo de Saboya el Rey o recebeo em serão aleuãotandosse da cadeira e dando quatro ou cinco passos com os braços abertos ao abraçar / ~

Já neste Sumario no cap^o 59 fiz menção como estando o conde em Saboya com esta armada o Papa Leão decimo lhe escrevera pedindolhe que a entretiesse até vir recado de El Rey Dom Manoel a quen a tinha mandado pedir pera com o socorro e ajuda dela juntamente com a sua e do Emperador defender o estado da Igreja. E no dito cap^o fica a carta do Papa tresladada, porém não tenho noticia que a tenção de Sua Santidade viesse a efeito. O que por ventura seria pela ordem que o conde leuaua de não estar em Saboya mais que quinze dias com a armada de alto bordo, e de mandar dentro nos seis primeiros as gualés, de que hia por capitão mór

Dom Pedro Mascarenhas sem per nenhum caso que socedesse se deterem / mais dia algum, e tãobem porque depois do conde ser partido o avisou S. A. por cartas feytas a 26 de setembro do dito ano de 1521, que apartasse da mais armada quatro vellas – sc. - a dita não Santa Catharina, e hum galeão e duas carauellas de que nomearia os capitães quais lhes parecesse commonicando com o Arcebispo de Lisboa e por capitão mór dellas iria Fernão Peres d’Andrade a quem o dito conde daria regimento do que avia de fazer conforme ao intento de S. A. e sua ordem que era irem as ditas quatro vellas carreguar a Sicilia de trigo e trazerem con siguo todas as náos mais que podessem pera se suprir neste Reyno a grande falta e esterlidade que aquelle ano nelle ouue e se poderem prouer os luguares dalem que estauão outrossi muy necessitados. E avendose de dismembrar e repartir por respeito destas causas e urgentes necessidades as quatro gualés e as ditas quatro vellas da / (fl. 10) mais armada, e avendose o conde de tornar no mais que ficasse então breue tempo como lhe era mandado he prouauel que não averia lugar de poder ser socorrido Sua Santidade. Isto he tudo o que do apercebimento da dita jornada de Saboya e efeito della e tornada do dito conde resultou, os poderes que o conde leuaua veremos no cap^o seguinte, e o que lá se fez, no outro adiante.

Capitulo lxxvj, dos poderes e alçada suprema que o conde de Villa noua leuou pera Saboya & comissões que lhe forão dadas por el Rey Dom Manoel sobre graues negocios que se avião de tratar con o duque de Saboya e con outras pessoas: ~

Continuando con o estillo e costume que leuo nes/te Sumario de nos luguares en que he necessario rellatar meudamente a sustancia particulares respetos e palauras de alguns cousas que constão por prouisões, cartas , e aluarás dos reys, enxirir en lugar da historia e rellação dellas o tresllado da propria prouisão ou aluará pera mais certeza e mór breuidade, o fazemos assi no que toca a esta jornada de Saboya, porque os poderes que nella leuou o conde de Villa noua Dom Martinho de Castello Branco ou a mayor parte delles o relatão na carta de capitão mór e geral da dita armada que lhe foi dada, cujo theor he este: “Eu Dom Manoel per Graça de Deus etc. Fazemos saber a vós capitães das náos, gualés e nauios que vão na armada em que vay a Duqueza Infante Dona Britez Minha muito amada e prezada filha pera Saboya , fidalguos, caualleiros, escudeiros, nossos criados , gente de armas, patrões, mestres, pilotos, marinheiros, bombardeiros, besteiros, espingardeiros, / (fl. 11) e toda outra gente e cõpanha que vay na dita armada que

consirando nós na esperiencia que temos dos seruiços do conde de Villa noua do Nosso Conselho & camareiro mór do Principe meu sobre todos amado e prezado filho e como sempre honradamente e com muita lealdade e fieldade nos seruiu e nos deu de si toda boa conta e recado, por estes respeitos e por folguarmos de nisto lhe fazer honra e mercê como he razão que lhe façamos por seus muitos seruiços e merecimentos, e por confiarmos delle que nisto nos servirá com todo o bom sizo, prudencia e recado como a nosso seruiço compete como sempre fez, o encarreguamos da capitania mór e geral de toda a armada que enviamos com a dita Duqueza Infante minha filha. Porém vollo noteficamos assy e vos mandamos a todos em geral e a cada hum de vos em especial que inteiramente lhe obedeçais e cumprays en tudo o que de nossa parte e por nosso seruiço vos requerer e / mandar e seus requerimentos e mandados en todos os tempos e en todas as cousas en que elle vos requerer e mandar assy como o farieis e compririeis se por nos em pessoa vos fosse mandado porque assy o Avemos por bem e nosso seruiço crendo que de o assy fazerdes e cumprirdes con toda a deligencia e bom cuidado todos en geral e cada hum em especial Receberemos de vós muito seruiço e do contrario o que não esperamos muyto desprazer e desseruiço. Item porque melhor nos possa servir o dito conde na dita capitania mór da dita armada e se dé castiguo áquelles que alguns maleficios cometerem per que com justiça deuião ser punidos e castigados, por esta presente carta lhe Damos todo o nosso inteiro poder & alçada sobre todas as pessoas de qualquer qualidade e condição que seião sen tirarmos nem exceituarmos pessoa alguma e Queremos e nos praz que nos casos crimes use de todo o dito poder e alçada en todos os casos & até morte na/ (fl. 12) tural inclusiue, sem dele mais aver apellação nem agrauo, e nos ciueis en toda a contia sem assy delle aver apellação nem agrauo porque nelle queremos que tudo faça fim por comfiarmos delle que inteiramente guardará a justiça às & punira e castigara cada hum segundo merecimento de sua culpa, e lhe mandamos que inteiramente assy nos casos crimes como ciueis dé e mande dar a execução suas sentenças juizos e mandados segundo o poder e alçada que por esta lhe damos. E assy avemos por bem que elle possa por quaisquer penas ciueis e crimes aquelles que não cumprirem seus mandados ou fizerem outras cousas porque penas mereção segundo vir que os casos o merecerem e nosso seruiço lhe parecer: As quais mandara dar a execução sem mais delle aver appellação nem agrauo e por certidão de todo lhe mandamos dar esta carta por nós assinada e asselada do nosso selo redondo das nossas / armas. Dada en a nossa cidade de Lisboa, a 30 de Julho = Jorge Rodriguez a fes, ano de Nosso Senhor Jesus Christo de 1521. El Rey: ~

E per outro aluará separado feito a dez de Agosto do dito ano que foi o proprio dia en que a Inffante partio deste Reyno como no capitulo atras fica dito, declarou S. A. que do mesmo officio de capitão mór e geral da dita armada e dos mesmos regimentos prouisões poderes e alçada que o conde com elle leuaua avia de usar na torna viagem té chegar ao porto de Lisboa, porquanto S. A. por então mandaua que tornasse a dita armada toda de conserua e que assy como hia viesse debaixo da capitania e guouerno do dito conde. E depois de o conde ser em Saboya por respeito da necessidade de trigo que neste Reyno avia e por soceder tomarem os corsairos muitas mais que por conta de el Rey e de mercadores vinhão carreguadas delle, pera este Reyno, mandou S. A. / (fl. 13) separar alguma parte da dita armada e que fosse carregar a Sicilia como no capitulo passado se disse.

Escreuendo ao conde a causa porque de principio ao tempo da sua partida deste Reyno lhe não dera ordem pera a dita carreguação de trigo, a qual carta no que a isto toca diz assi:

“Conde amigo Nós El Rey vos enviamos muito saudar como aquelle que amamos bem sereis lembrado como ao tempo de vossa partida avia já nestes Reynos necessidade de pão pella grande esterilidade que nelles ouue e como então praticamos com vosco sobre virem as náos dessa armada carreguadas de trigo, e por termos Mandado provisões por muitas partes de Levante e Poente por feitores nossos con dinheiro e por contratos que com mercadores Mandamos fazer de muita soma assy pera prouisão dos nossos luguares / dalem como pera soprimento de nossos pouos, o Houemos ao dito tempo por escusado por vos não dar trabalho nem detenção. E ora pellos grandes incovenientes de guerras que socederão etc. E no fim da dita carta que he muy largua acerca da dita materia encomendando El Rey, mais ao dito conde que per sua ordem mandasse comprar quatro mil moyos de trigo se descarregua com elle dizendo assi: “Ce bem cremos que per vossa mão hade ser remediada a mór parte desta necessidade” ~

Alem das sobreditas cartas e prouisões forão dados regimentos ao dito Arcebispo de Lisboa Dom Martinho da Costa e ao dito conde de Villa noua juntamente pera em algumas cousas ambos procederem, e afora estes se derão outros regimentos e comissões separados só pera a pessoa do dito conde. De huns e outros diremos aqui o mais sustancial e mais notauel pera sa/ (fl. 14) tisfação dos curiosos deixando o mais meudo que he infinito podelo particularizar : ~

Item mandauasse ao dito Arcebispo & conde que cheguando ao duque de Saboya fizessem cometimento pera lhe beijar a mão porque posto que S. A. cria que elle lha não daria lhe parecia que assy era bem que o elles

fizessem. O que aqui aponto pera se saber o respeito e honra con que já naquelle tempo os duques de Saboya erão mandados tratar pelos reys da christandade que deste particular se podera coligir, porem o duque nem aos fidalguos particulares a deu como adiante se verá no cap^o seguinte na carta do conde ~

Item se lhes deu en regimento que o costume de Saboya e França de darem paz às molheres beijandoas por honra na face se escuzasse e se não usasse delle na pessoa da dita senhora Inffante e o que nisto se fez en Saboya se verá tãobem pela carta do dito conde que adiante vai ~ /

Item que a Infante fizesse mesura de pé ao irmão e irmã do duque seu marido, e a Madame Luiza may d' El Rey de França Francisco, irmã outrossim do dito duque por ter estas duas calidades de may de rey e irmaã delle dito duque de Saboya lhe fizesse outra tanta cortesia quanta della recebesse reservando nestes particulares a vontade do dito duque com a qual a Inffante en tudo isto se conformaria podendo primeiro fallar con elle ~

Item que o duque recebesse em pessoa a Inffante per palauras de presente dentro na não en que hia antes de sahir della e o auto do recebimento fizesse o Arcebispo de Lisboa não sendo nestas cousas o gosto e prazer do duque en contrario - E o que sobre ellas passou em Saboya refere tãobem o conde em a dita sua carta. ~

Item que a justiça da gente da armada ficasse sempre ao dito conde de Villa noua depois de serem em Saboya assy e con todos os poderes como a / (fl. 15) leuaua no mar segundo forma da carta acima tresladada e isto se entendesse naquillo que fosse entre portuguezes e portuguezes ou posto que fosse com outros d' outra nação como o caso fosse d' entre gente que na dita armada fosse. E que assy mesmo se entendesse indosse o duque do lugar onde fosse o desembarque e ficando a frota nelle e pera isso se lhe pedisse licença, crendo S. A. delle que por ser cousa tão razoada o averia assy por bem.

Item que se no caminho por força de tempo se tomasse algum porto / o que emquanto fosse possiuel S. A. mandaua que se escuzasse / não saísse en terra pessoa alguma excepto os compradores e as pessoas a que nomeadamente o dito conde desse licença e a pessoa da Inffanta em nenhuma maneira saysse em terra posto que muito enjoada fosse. E chegando a Saboya outro sim não saísse a Inffanta da não até o duque vir saluo estiuesse tão longe que se não esperasse / poder chegar em tres ou quatro dias primeiros seguintes. E neste caso se lhe despachasse correio e apos elle se lhe enviasse João Rodrigues Sá de Menezes pella muita confiança que El Rey delle tinha, pello qual com a carta d' El Rey, que elle leuaria

se faria saber ao Duque da chegada da Infanta e de sua armada com tudo o mais de que conuiesse avizalo e lhe pedisse que abreviasse sua vinda o mais que lhe fosse possiuel ~

Item que com grande cuidado e lembrança procurassem os ditos Arcebispo & conde que com efeito antes de sua tornada o duque mandasse passar as prouisões, fazer entrega e dar posse a Infante dos vinte mil cruzados de renda que lhe era obrigado a dar pelos contratos do dote, e assy todas as terras, villas, castellos, fortalezas e jurdições do estado que fora de Madama Branca Duqueza da dita prouincia de Saboya segundo forma dos ditos contratos e não se podendo isto tu/ (fl. 16) do efectuar até sua tornada, o que restasse ficaria a cargo de João Lopes de Sequeira, que hia por mordomo mór da dita senhora Infante ~

Item que outrosim cobraria o dito conde quitação em forma, do duque do dote que S. A. lhe daua que Garcia de Resende no tratado atras alegado, que fez d' esta ida, e Damião de Goes na dita Chronica d' El Rey Dom Manoel 4^a parte cap^o 70, dizem, que foram ao todo cento e cincoenta mil cruzados repartidos e pagos pelo modo que elles declaram ~

Item que em quanto o conde em terra estiuesses alem de deixar bem prouidos os nauios da armada de gente que os vigiasse e defendesse deixaria nella por capitão mór em seu lugar a Dom Pedro Mascarenhas, / vice-rey que depois foi da Indía / que ia por geral das galés. E vindose elle com ellas pera o Reyno mais cedo que a armada de alto bordo / como S. A. man/ daua segundo ja fica dito no capitulo antes d' este / en tal caso o conde proueria do dito cargo huma pessoa que lhe parecesse ~

Item leuarão os ditos Arcebispo e conde comissão para o que da parte de Sua Alteza avião de dizer ao dito duque de Saboya que em sustancia era sinificar lhe o grande contentamento e prazer que S. A. e a Infanta sua filha recebião de se o dito casamento concluir e acabar, e com estas outras palauras de ofertas da parte d' El Rey pera o duque com demonstrações de amor como de pay pera filho e apos isso encomendar-lhe a dita Duqueza Infante sua molher.

Item tentar de induzir ao duque que por todos os meios que lhe possiueis fossem procurasse a paz e concordia entre o emperador Carlos 5^o e Francisco rey de França ~

Item lhes era mais dada comissão pera da parte d' El Rey visitarem o irmão e irmã do dito duque / (fl. 17) de Saboya, em forma de embaixada dando-lhe pera isso primeiro carta de crença & fazendo-lhe entender o muito amor e boa vontade que em Sua Alteza pelo grande merecimento de suas pessoas e por serem irmãos do dito duque sempre acharião pera

tudo a que delle lhes cumprisse e juntamente lembrar ao dito irmão do duque que nas cousas da Infanta assy no comprimento dos contratos de seu casamento & dote & arras, como do mais que pello tempo adiante socedesse quisesse fazer ao duque seu irmão as devidas lembranças como de sua muita uirtude se esperaua, e que El Rey receberia disso tanto prazer e o estimaria tanto como era razão que o fizesse nas cousas da Duqueza Infante sua filha ~

Item leuou o dito conde de Villa noua particularmente commissão d' El Rey pera dar conta ao duque do casamento que se trataua da Infante Dona Isabel com o Imperador Carlos quinto / que se depois efeituou em tempo d' El Rey Dom João, / o terceiro como já atras no cap^o 68 fica tocado / E que pera este casamento persuadisso o dito conde ao duque a o ajudar quanto em sy fosse no que pagaria tambem ao Emperador a ajuda que per seu embaixador lhe dera no seu mandandoo pedir e requerer a S. A. muy afincadamente e ao mesmo intento mouesse elle duque a Madama Margarida que no guouerno das cousas do Emperador tinha muita parte e assy a outros grandes ao Emperador aceitos pera que com a ajuda de todos mais breuemente e mais a gosto d' El Rey o dito casamento se concluísse ~

Item que assi mais o dito conde mouesse pratica com o duque sobre os filhos e filhas d' El Rey de França e sobre casamento do Principe Dom João com a filha d' El Rey Francisco apontando que nos concertos destes matrimonios se podião tomar taes meios que entre todos se seguísse o bem da paz e á christandade uniuersal pro / (fl. 18) ueito ~

Com isto e com lhes mandar que particularmente tomassem informações do estado e cousas do dito duque, e do poder regnos e senhorios d' El Rey de França se concluem e acabão aqui de relatar os mais substanciaes pontos das comissões poderes e regimentos que os ditos Arcebispo de Lisboa e conde de Villa noua leuarão na dita jornada. O mais que fora de aqui resumido se mandaua ao dito conde tocava ao guouerno, ordem e defensão da dita armada e a repartição das prezas que com ella fizesse nas náos de corsarios que encontrasse e a meudeza desto não convem relatarse. ~

Cap^o lxxvij em que se contem o treslado de parte de huma carta do conde de Villa no /ua Dom Martinho de Castello Branco pela qual dá conta a El Rey Dom Manoel das festas que em Saboya se fizerão pelo casamento da Infante Dona Brites sua filha, e de todos os particulares que no tempo dellas socederão : ~

Encomendou El Rey Dom Manoel ao Conde de Villa noua no regimento que lhe deu alem das mais cousas nelle conteudas / parte das quais no capitulo precedente ficão resumidas / que tanto que chegasse a Saboya ao lugar onde o duque estiuesse e o recebimento da Infante com elle fosse feito lhe despachasse hum correio pelo qual o avisasse compridamente de tudo o que passasse na viagem e de tudo o que se fizesse no dito recebimento e em a chegada da Infante e armada e de toda outra cousa que lhe parecesse que Sua Alteza era bem que / (fl. 19) soubesse tão larga e compridamente como El Rey folgaria que o elle fizesse, e que isto seria depois de ter fallado ao duque pelas instruções que leuaua nos negocios que no cap^o precedente ficão apontados & que de sua parte dissesse a João Rodrigues de Sá seu genro e tomasse cuidado de escrever e S. A. todas as nouas meudamente, porque teria mais tempo pera o poder fazer, no que se denota tãobem o credito que naquelle tempo e sempre depois se teue da boa nota e conhecimento das letras humanas que no dito João Rodrigues de Sá avia.

Mas sem embargo do cuidado que S. A. daua ao dito João Rodrigues, o conde o teue de escrever per sy largamente o discurso do que passou na viagem & em Saboya como S. A. desejava saber, e posto que a carta he muito comprida e de cousas que parece que sem prejuizo da sustancia deste Sumario se poderão aqui escusar, com tudo porque estando impressas as festas e aparato do / dito casamento e ida de Saboya até a armada partir deste Reyno não está escrito em letra de forma per extenso o mais que lá passou e tãobem por muitos particulares que tocam ao dito conde e a seus filhos de cuja linhagem esta historia he finalmente porque saber & ouvir tudo mórmente dos principes nunca a ninguem fez nojo e a todos deue não ser molesto. Quiz aqui tresladar parte da dita carta do conde pera S. A. e deixarei nella tudo o que pertence á viagem até chegar a armada a Villa franca em Saboya porque são cousas de menos momento e gosto pera ler, e se no mais que da dita carta aqui posermos alguém quizer julgar que por ventura as grandezas de Saboya em nada vencerão as que neste Reyno pelo dito casamento se fizerão, isso ficaremos ganhando em geral e bem commum da reputação da patria.

O estilo da carta do conde he qual permitião as muitas meudezas do negocio e materia de que tra/ (fl. 20) ta em que não cabem clausullas cheas nem passos de eloquencia mas huma braue e particular relação de tudo com notar o que pera isso ha. Com esta advertencia se deue de ler. A qual continua assy : ~

Treslado de parte da carta do conde de Villa noua estando em Saboya pera El Rey Dom Manoel sobre as festas do recebimento da Infante Dona Brites sua filha com o duque Carlos : ~~

Ao domingo que foi dia de São Miguel, 29 de Setembro de 1521, ao meio dia, chegou a Senhora Infante a Villa franca e com quanto o duque quisesa que fora surgir a frota dentro a cidade, e mandou ao mar recado para isso por dous bargantis, hum da duqueza de Namur sua ir/ maa sem ainda saber nada da frota porque estauão duvidosos pela tardança dela e apos este outro, estando já a vista tres ou quatro leguas ao mar onde andavamos em calma, com um gentil homem seu a visitar a Senhora Infante com este mesmo recado que fosse a frota a Nisa surgir e não a Villa franca pedindo-lhe por mercê & assim me escreueo a mim que o fizesse se não fez por os pilotos o averem por inconveniente que podendo-se fazer pelo assim mandar receberamos merce tornou outra vez a Villa franca a mandalo pedir a Senhora Infante por cartas suas e outras palauras de gentileza que nellas vinham á qual ella respondeo por sua letra escusandose que ao outro dia faria o que elle mandaua. Estaua ordenado pera irmos ao outro dia em bateis, e o batel da não estaua já apercebido com seu toldo de brocado que mandei correger & os outros das náos que os avião de levar a toa. N'este / (fl. 21) mesmo dia vierão alguns senhores e condes visital-a e beijar-lhe a mão e como foi já depois de comer não lhe deram outro convite senão de polvora, e assim se fez quando passamos por Niza como elles tambem fizeram assy do castello como da cidade. Neste tempo em que estes chegaram estauamos apercebidos e fora do breu, vestidos de nouo e depois de serem idos e eu com fundamento de ser ao outro dia como tinhamos ordenado e lhe tinha pouco auido respondido a Senhora Infante vieram humas treze facas muy boas & muy bem guarnecidas de bocado pera ella ir e suas damas e apos isto veio o Senhor duque serião já quatro horas depois do meio dia sem eu ser avisado e sendo já lá seus embaixadores con quem eu tinha fallado algumas cousas que se ao outro dia avião de fazer e as avião de praticar com o duque assy de paz de que se a senhora / Infante escusaua e areceaua pedindolhe por mercê ouuesse por bem de não deixar ella tão cedo os costumes de Portugal sobre que houuera muitos debates com seus embaixadores que auião por cousa grave não se fazer principalmente a elle e a sua irmã a duqueza e a huma vincondessa muito sua parenta em que a Senhora Infante estaua posta em se não fazer nem poder ainda que quizesse, mas como lhe nisso faley algumas vezes e lhe disse o prazer que nisso fazia a V. A. tomou meyo de se pedir de sua parte ao duque e quando

o elle não ouuesse por bem faria o que elle mandasse. E sem os embaixadores que leuauão este recado virem nem mais darem resposta vi o duque já vir mui perto d' agoa. Acertouse que estaua ahí Dom Francisco meu filho com o seu batel bem apercebido e acompanhado com esses fidalgos que com elle hiam e com seus ministros & Afonso de / (fl. 22) Albuquerque com outro tanto, que vinham pera a não com que pude ter tempo & assy como estaua com esses fidalgos que vinhão na não e com os que com elles vinham me fuy a terra a huma ponte que ahí estaua & indo assy o topei que já descavalgaua a entrada dela e lhe quis beijar a mão e assy esses fidalguos a quem a não quis dar fazendo lhe muita honra com o barete fora na mão com asaz gentileza e cortezia e muita grauidade e com suas palavras e guasalhados & despejo me pareceo logo muy bem. Fui-me com elle em hum bargantim que ahí estaua de terra, em que se meteo com esses senhores seus e eu só com elle. Todos esses fidalgos e outros forão nos bateis assy como vierão em sua companhia. Antes que saisse do batel tiue tempo pera mandar chamar o Arcebispo que viesse pera estar com S. A., e falley com o seu mordomo mór como vi esse a porta da salarecebello que assi pareceo bem a seus embaixadores. Mas foi tanta a / gente assim da sua não como das desses fidalgos d' armada que nunca pode sair senão a porta da camara porque nos empuxões destes tempos toda a terra he huã. Eu hia com o Senhor Duque que vio bem que se não podia mais fazer a quem dei a mesma desculpa, entrou dentro na camara e ahí lhe falou e lhe deu sua paz, o que a Senhora Infante fez com asaz despejo e muito aviso e virtude como faz em todas suas cousas de que V. A. deue ter todo seu contentamento como disse e de todo o mais darey conta a V. A. por mim prazendo a Deos. E depois de lhe dizer alguas palauras chamou-me a mim & ao Arcebispo e lhe pedio muito por mercê e nos encomendou que ella quizesse loguo ir com elle outanto que elle se fosse. Quisera-se a Senhora Infanta escusar com as mesmas rezões já ditas e com mt^a causa que hi auia e nós isso mesmo, e tambem por ser tão tarde apertou tanto que foi necessario ser assim, afora a gentileza que / (fl. 23) nisso fazia em a tirar do mar. Então lhe respondi que se faria nisso & em tudo o que elle mandasse porque assy o tinha já V. A. mandado o que Sua Excelencia / que he a cerimonia com que lhe falão os seus / a deuia logo alli de receber e que o Arcebispo o faria, e que V. A. leuaria prazer que elle o fizesse quando o não fizesse hum Cardeal legado que ahí estaua. ~

Porque me tinhão dito os embaixadores que elle avia de fazer esta cerimonia, quando lhe faley que fizesse isto o Arcebispo respondeo-me que se não podia fazer senão pelo cardeal depois de mea noite, porque viera aqui

por amor delle e de V. A. / se eu mal não entendi o frances / porque em seus antecessores nesta terra nunca se fizera d' outra maneira por filhas de reys e emperadores que com elles casaram. Nisto não ouue mais praticar senão vir-se logo assentar porque o tempo não daua logar pera mais. A senhora Infanta ordenou logo sua vin/ da com suas damas sómente e esses fidalguos todos com ella em seus batwis e isto não se pode fazer tão cedo que não fosse já com tochas e com as que traziamos o Arcebispo e eu e alguns fidalgos veio bem alumiada tee virem muytas do duque por seus pagens mais de meyo caminho, e vierão a mór parte desses fidalgos em bestas, algumas desses seus gentis homens que deixarão com muita cortesia ficando elles a pé.

Aqui foi a cousa tão depressa e de rebate que vindo pera o Arcebispo epera mim bestas ordenadas se não ouueram mister por serem já as minhas desembarcadas com a deligencia de Dom Francisco, mais por amor de sua louçainha que da minha. O Snõr duque se não veyo mais pera a Senhora Infanta. Pellas ruas estauão grandes fogos feitos e muito ajuntamento de pouo pellas ruas per onde fomos e muitas gritas de prazer e alegria nomeando Saboya & Portugal. A porta do paço no terreiro delle deceo a duqueza sua irmã e a viscondessa com suas damas / (fl. 24) & depois de eu descer a Senhora Inffanta de sua faça se foi pera ella a duqueza e a viscondessa con grandes mesuras e cortesia que lhe tãobem fez a Senhora Infante e lhe derão sua paz, e no terreiro estauão já as minhas charamellas e muitas trombetas que vierão diante e fezerão seu officio. E assy leuou a duqueza a Senhora Inffante pela mão ajudando-a a sobir pella escada, que estaua mui bem adereçada de borcados e veludos cramesins borlados d' ouro e prata & nos lugares onde se assentaua a louçainha com SS BB e LL, a todos na abra / ~

Estaua toda huã camara armada desta maneira onde a Senhora Inffante se assentou com a duqueza e suas damas e nós outros sómente. Dali a pouco se foi a duqueza como quem a queria deixar repousar e então despejamos e nos fomos has pousadas que achamos bem prouidas de camas e nosso comer, principalmente o Arcebispo e eu e esses / fidalgos, ao outro dia nos convidou o duque e aos embaixadores que chamão do Emperador, mas eu creio e areceo que são da liga dos Soizesos d' algumas suas cidades, e isto depois de vir da missa pella manhã cedo, e depois que a Senhora Infante chegou até então a não vio mais o Senhor duque e foy-a esperar a huã igreja que está junto dos paços e entrou pello terreiro delles & pella crasta do moesteiro elle sómente com os seus desta maneira.

Diante hão em ordem de rua cincoenta ou sessenta homens de alabardas vestidos de vermelho e d' outras côres e pelo meio da rua alguns dos

seus, e apos estes vinham outros trinta de alabardas naquella mesma ordem vestidos de pelotes vermelhos e amarelos com chapas d' ouro e prata, no meio destes hião outros gentis homens vestidos de seda e brocados, e apos estes sete ou oito letrados de roupas compridas, e apos estes cinco reys de armas com cotas de damasco branco e / (fl. 25) vermelho e com cruces brancas, e loguo apos estes hião aquelles de sua ordem, alguns delles vestidos todos de brocado & cadeas grandes de ouro, alguãs dellas esmaltadas, junto destes vinha o duque e apos elle outra gente bem vestida. Estaua corregido na capella mór de ceo de brocado e debaixo hum estrado de velludo cramesim cuberto de almofadas desta sorte em que estaua o duque & a Senhora Infante, e atras ella a duqueza, e viscondessa & de huã parte do coro estaua ordenado pera o Arcebispo e pera mim nos assentos delle cubertos de velludo cramesim com almofadas do mesmo em cima e aos pes debaixo de nós estauam aquelles ebaixadores dos Soizezos. Da outra parte estauão aquelles quatro senhores contando o visconde seu sobrinho, sem terem almofadas, e outros condes estauão da nossa parte sem terem nenhuma cerimonia, & acima daquelles da ordem mais junto do altar estauam cinco ou seis bispos e outros tantos abbades. Estes condes que diguo estauão muy bem vestidos & hum delles tão velho e tão loução que me deu atreuimento a minhas más louçainhas, e disse o cardeal a missa, que foi de cantores e órgãos mui bem oficiadas e no meio della foi o recebimento pera o quoa do duque chamou o Arcebispo e a mim pera ouvirmos as palauras, as quais se disserão assy como se cá soy a fazer que são menos que as nossas com seu anel como se qua costuma. Foi o duque a oferta sem fazer nenhuma cerimonia e assy quando tornou todos aquelles senhores da ordem se aleuãotarão com elle pondo-se ao longuo do altar fazendo suas cortezias ao passar. A Senhora Infante foi só, quiseramos o Arcebispo & eu ir com ella e hum rey d' armas dos que estauão assentados em giolhos pera estes recados, disse nos que não era usança. Pareceo me que o duque ordenaua tudo com elles daly e que pera frances era neste caso assaz graue e fora de tracos. Vindo a Senhora Infante começou a fazer as medidas que se lá costumão e elle não acodio a is/ (fl. 26) so como quem o não vio e dissimulou a Senhora Infante e posto que não foi com as medidas ao cabo não foi tão pouco que todos o não enxerguassem.

Não nos avemos de espantar disto que se costuma cá, que estas gentilezas que se fazem neste caso creyo que V. A. as trouxe á terra. A duqueza e viscondessa começarão esta noyte com a Senhora Infante con tanto acatamento que se comerão alguã cousa prestára-lhe pouco con trabalho della, e com o muyto despejo no beber do vinho, não sey se era por dar exemplo á

Senhora Infanta. O duque depois de ceiar veyo ver a Senhora Infanta e quis vir com poucos & acertou-se de estarem ahi muitos fidalguos nossos. Eu disse lhe que erão taes pessoas que se não podião sayr delles sem escandalo doutros, e se mandasse que irião todos e que ficaria ahi o mordomo mór comiguo, disse que não então ficarão e despejou-se d' outra alguã gente. Veyo todavia o duque com poucos e falou lhe em pé com a duqueza sua irmã e / deteuesse pouco por não gostar muito da noite que ela a primeira prazendo a Deos que seria pera seu seruuigo & descanso de ambos. Neste mesmo dia forão muitas damas da villa & dançarão no terreiro do paço que creio que a Senhora Infante vio d' alguãs janellas sem outro preposito. A Senhora Infanta he tão louuada de sua fermosura e de todas outras cousas que por isso não se oulhão tanto pera tudo o que trazemos e certifico a V. A. que he menos do que merece. Terça feira até depois de jantar não vi nada que dizer porque a obra da noite passada fez que se guoardasse aquella manhã de todo laior. Neste dia á tarde foi a Senhora Infanta e a duqueza com ella ver as justas que estauão aperelhadas, estiuemos sómente o Arcebispo e eu com ella que nos mandou chamar o duque pera isso, & assy os embaixadores sem outrem entrar por ser aquella varanda, donde as vio casa pequena. Foi a este luguar a pé por ser no mesmo terreiro em casas que estão no muro e varanda de fora / (fl. 27) delle bem acompanhada de todos estes fidalgos. Estaua este luguar bem adereçado, o duque foi de mulla bem acompanhado dos seus e dos nossos que acertarão estar a caualllo pera ver as justas. Passou por huã ponte leuadiça que está sobre a caua por onde erão postas as liças, hião os nossos muy bem vestidos, e porem / deixando espadas d' ouro e os atauios e suas perlas & colares / não os avião os franceses nenhuã enveja no mais dos vestidos, deixando tãobem as guarnições das nossas bestas. Os doze que justarão assy os quatro mantenedores como os outros trazião paramentos de veludo forrados d' outra seda, e hum delles filho de hum daquelles condes honrados os trazia de hum brocado forrados de veudo pardo. E assy os cognes eram do mesmo com alguns penachos sem outras cimeiras nem inuencões. A tea era de madeira forrada de tauoado sem outra cobertura. No meyo do terreiro onde erão as justas estaua hum cadafalso em que estauão as lanças da justa e hum rey d' ar/mas com ellas. Aqui estauão tambem alguns fidalgos dos nossos posto que os mais estauão a caualllo com o duque, e junto deste estaua hum castello de madeira pintado de pardo a obra romana branca com covellos de redor e nelles as armas do duque em quarteirões com as de V. A., e dentro hum jardim feito a mão com muitos crauos e ruas de cheiro, laranjeiras e limoeiros onde vinha ter a ponte que estaua ordenada na ribeira pera desembarcar

a Senhora Infanta, se viera ter a Niza, cuberto de redor de huns ramos de murta. No meio deste jardim estaua hum padrão da mesma madeira alto muy bem pintado com as armas do duque e sua coroa real em cima feita de madeira pintada d' ouro, e abaixo destes estauão huns escudos soltos dependurados & nelles pintadas as armas dos justadores as quais forão daly tiradas no meyo das justas pellos parentes dos justadores, e corrião com os escudos altos na mão ao longuo da tea por / (fl. 28) sinal que os justadores erão de gente nobre e de cotas d' armas, porque não podem justar senão com esta examinação e outros reys d' armas que fazião este officio. O nome destas justas he justas d' armas.

No meyo daquelle padrão estaua huã rocha pintada donde sahia hum braço grande com huã mão fechada, e nella hum escudo das armas da Senhora Infanta pintadas que o lançaua de dentro e o tornaua a recolher, ora o braço despido ora vestido, a qual depois que foi noite lançaua muito fogo & tirou a artelharia que nelle estaua. Alguns dos justadores quebrarão bem suas lanças e justarão melhor se os caualllos forão melhores, as justas se despedirão por noite, não ouue nellas outra mais festa senão a que cada hum teue na cea onde forão conuidados que vierão asaz contentes, assy das viandas como da boa conversação delles. E daqui he bem que digua a V. A. a moda en que esta/ vão aparelhadas as casas de tapeçarias & o primeiro seja das casas da mayor parte desses fidalguos que estauão armadas de panos de raz finos em espeçial as do Arcebispo e as minhas em que avia paramentos de seda nas camas e os cobertores dellas com borlamento d' ouro & outros muitos leitos muy bem concertados, que não ouue nenhum mister a sua cama. Erão tantos os panos d' armar pelas casas que não sey como se puderão aver tantos, alguns delles forão melhor repartidos pelos cadafalsos onde estiuerão as damas que estauão sem elles, assy que foi tudo mui concertado & em muita abastança de comer e de outras cousas assi como vellas, tochas e brandões e as varandas da primeira meya entrada assy as paredes dellas como o que pendia pera fora tudo estaua ramado de huns panos de cetim cramesim com huns bastões em molhos atados d' ouro e de redor de prata, borlados e muitos outros concertados / (fl. 29) com ramos que delles sahião sameados entre os molhos e por cima huã bordadura largua com as mesmas invenções cercado todo de hum cordão de São Francisco com seus noos de tella d' ouro: ~

Nesta mesma casa estaua hum leito armado com paramentos desta mesma sorte com seo ceo, e assy avia nella hum docel da mesma inuenção. No andar desta camara estaua outra casa mais pequena armada de cetim, algonado com bandaduras de brocado com seus traçaes de ouro e huã cama

com paramentos desta sorte, outra camara de cima que foi a primeira em que entrou a Senhora Infante estaua armada de brocado rico raso cramesim & de veludo cramesim, com huma bordadura larga por cima do mesmo brocado entretalhado com huns laços bem obrados. estes lasos erão sua empresa e suas armas com a letra que avante se dira que hião acabar em huns CC e LL, e todauia esta bordadura hia cercada de / hum cordão de São Francisco entretalhados do mesmo brocado e hum leito e seus paramentos desta sorte, e tudo entretalhado do mesmo cordão de São Francisco com franjas de ouro, e o ceo desta casa era cuberto de hum tafetá roxo. Neste andar estaua outra casa mais pequena tãobem armada de veludo e huã cama desta sorte. As casas em que o duque pousaua erão armadas de panos de Frandes com dous dorceis de brocado rico e na sala hum delles com hum pano de tella de prata pello meyo com outras cercaduras do mesmo pano bem obradas e rica franja. Nesta sala avia huã copeira grande com degráo á maneira das de Espanha com muita prata e quando fomos conuidados com hum licorne que estaua no meyo da copeira tão alto que chegaua té o ceo do dorsel. A camara em que o duque dormia estaua armada de huns panos de Frandes antigos com muito ouro e outro dorsel de brocado & abaixo outro ceo grande de brocado, debaixo do /(fl. 30) qual estaua hum leito com paramentos de cetim cramesim entretalhados de brocado e borlados d' ouro e assy o cobertor do leito. A quarta-feira seguinte foi o duque ouuir missa a igreja mayor da cidade que he dentro no castello que creio que foy por nolo mostrar como fez ao Arcebispo e a mim pellas obras que nelle tinha feitas nouamente, e pera isso nos mandou chamar estando nos esperando por elle a cauallo e assi muytos dos seus que vinhão já d' outros vestidos bons e ricos e de outras inuencões & alguns com muy ricos forros de martas. O duque vestio aquelle dia hum pellote de brocado rico e gibão de pano d' ouro com huns lauores d' ouro por cima das mangas que parecia muy bem, com huma capa de velludo roxo forrada de tella de prata e a mulla com guoarnição de veludo preto borlada e franjada de ouro e preto, & os vestidos de cada dia erão muy bons sem se poder culpar senão se o fosse pera se saber tãobem botar. / Na entrada do castello que foi por huma ponte leuadiça se deceo o duque e nos com elle e indo diante hum filho de hum daquelles condes estando na frente acertou de jugar a artelharia que o tomou de supeto e cahio da caua abaixo que he bem alta, veyo recado ao duque mostrou sentimento disso aos que o disserão, e porem sen se tirar da sua grauidade nem do proposito em que hia falando comigo e mandou que loguo fosse curado que por então estaua periguo mas depois se achou bem. As obras que estão no castello são muy reays e todas se fazem a custa do duque. Disse-lhe que tinha muito contentamento de o ver

gostozo de as fazer por serem tais & que assy o terya V. A. mais delle quando o soubesse por serem ambos nisso tão conformes e que V. A. era tamanho mestre em edificar que se não contentaua fazer obras senão sendo primeiro talhadas e cortadas e a envenção de sua mão. E quão manifico era nellas e quantas tinha feitas / (fl. 31) de maneira que não parecesse que hia eu determinado a dizer as grandezas dellas dizendo porem asaz, & o embaixador seu que lá foi e estaua presente disse dellas muito mais. Daqui veyo ouuir missa na igreja mayor & nos com nossos assentos em almofadas nelles, e assy os pés, e não se fez por então nenhuma cerimonia a nenhum daquelles condes nobres porque estes e hum gentil homem seu parente andauão por ahi em pé. O cardeal esteue na cortina dentro cõ elle em giolhos com o barrete fora na mão. A senhora Infanta ouuiu missa naquelle dia na casa dos paramentos de cetim cramesim com suas damas e a duqueza que sempre vem estar com ella e assy muitos fidalgos dos nossos. Acabada a missa lhe veio recado que o Cardeal a queria vir visitar, esperou por isso e antes que viesse eramos já com ella o Arcebispo e eu por o duque ser ja recolhido em sua casa & trazia muitos vestidos de chamalote algonado e quatro outros gentis homens melhor vestidos / Leuantou-se a Infante e a duqueza com ella e forão dous ou tres passos recebello e tornarão com elle a seu loguar. Sem se assentarem lhe falou o cardeal alguãs pallauras sem se meter outrem no meyo senão a duqueza. A mor parte da falla teue sempre o barrete fora conquanto o mandaua a senhora Infanta cubrir.

Neste dia a tarde estaua aparelhada a casa do refeitório do moesteiro, que era mais largua pera se fazer o serão. Vierão a elle todas as damas da villa a senhora Infante e duqueza com ella e suas damas entrarão & assentarão-se em hum pano de veludo lançado no chão com suas almofadas e seu dorsel armado de brocado. Estaua da parte derecha huma cadeira de veludo cramesim pera se o duque assentar, o que não fez, e a outra parte a Infante e a duqueza da outra, toda a casa armada de tapeçaria de Flandes com huns assentos ao longuo de madeira onde se assentou o duque que depois veyo per si muito abaixo donde estaua a Infante / (fl. 32) ta, o Arcebispo a mão direita e eu pera cima, abaixo do duque os embaixadores e outros. Começaram a festa os seus gentis homens com suas damas e de mestura alguãs da cidade com seus maridos dançauão todos cada humcom sua a seus modos muy bem e huãs mudanças que ora hião a ellas e ora sos, e era o som desta de tres instrumentos, frauta, tamboril e rabeca, trabalharão tanto na dança que vierão a tirar os pellotes em especial esses melhor despostos & depois os gibões e ao som da dança corrião ao longuo da Infante por diante e dauam muy grandes saltos que vinham cair com as damas. Isto não

fizerão senão quatro ou cinco delles, fez-se de todo noite e começarão de tocar as charamellas e os nossos fidalgos dançarão com as damas da Senhora Infanta e ella dançou por lho mandar pedir o Senhor duque e a mim mandou que dançasse com ella, eu me escusei por mau dançante e que por nosso costume não avia de estar / senão muy longe de seu estrado o que aguora ouzara fazer, mas que dançaria melhor com huã sua dama pera elle verquão bem o fazia, o que fez, e foi com Dona Isabel henriques, e quando começou a dançar leuantamo-nos o Arcebispo e eu em pé e o duque nos fazia assentar. Disse-lhe que aquella era a cortesia e usança de Portugal e que nos deuia ter companhia nisso. Então se leuantou & assi acabada a dança lhe fez a Infanta mezura e elle lha fez hum pouco forçada ~

Acabou-se a festa despedio-se o duque e o Arcebispo com elle ficou a Senhora Infanta e eu com ella até a deixar em seu apouento que erão junto huns dos outros. A quinta feira pella menhã mandey correger pera ir ouuir missa ao moesteiro de São Domingos em huã capella della, chegando sahia o duque com sua irmã e com suas damas, da capella mór onde o encontrey a porta della, vinha muy bem acompanhado de seus gentis homens e com dez mui bem ataviados de vestidos novos de brocados, / (fl. 33) sedas, e outras inuenções com sua ordem de alabardas e meas lanças com muito concerto e grandeza, fui-me com elles ao paço e torney a missa. E aqui he bem que digua das suas armas porque acertey de ver a cortina em que ouuyo missa em que estauão borladas. Erão as cortinas de brocado roxo e veludo cramesim com outros entretalhos muy bem borlados & as armas semeadas pellas cortinas com aquella letra por cima dellas & no meyo da letra hum laço. E diz a letra, ferte, ferte, que quer dizer em francez soportar ou sofrer. Estas armas não são as antigas desta casa porque hum senhor della em hum cerco de Rhodes a vera 150 anos desbaratou e venceo huã grande armada dos turcos por onde Rhodes foi liure, e o Papa e o Emperador por aquella tão nobre e honrada pelleja lhas deu. As armas antigas são cruces brancas em campo sanguineo com as mesmas letras ferte, ferte, alem do que disse tem a seguinte senificação ‘fortitudo ejus Rhodas tenucti fortitudo ejus hostes domuit’, que / quer dizer a sua fortaleza sosteue Rhodes, tras tãobem outras cruces brancas com frol de lizes com sua coroa real que trazião os seus alabardeiros nos peitos, e nas costas dos pello-tes feita de chaparia d’ ouro e de prata, sendo que a trazião por deuação de hum santo que jaz em Saboya, o qual Santo nomeão em suas guerras como em Portugal São Jorge e em Castella São Thiago.

Neste dia a tarde se ordenou outro recebimento porque se não pode fazer a dia da entrada. Estauão todas as ruas principaes emparamentadas, por

onde a Sñora Infante auia de passar & toldadas dos milhores panos que cada hum tinha em suas casas e assy pellas portas e janellas em que entrarão nossos panos e reposteyros porque todos pousauamos naquella rua que he a principal. Sahio a Senhora Infante sem o duque e em sayndo vi que tinha as taboas hum daquelles condes seus e outros seus gentis homens e todos estes fidalgos com suas bestas bem atavyadas assy os que as trouxerão como os que as derão, porque / (fl. 34) o duque tinha dito aquele dia ao Arcebispo e mim que fossemos com a Senhora Infanta e esses fidalguos que aquivinham em ordem, disse a seus embaixadores, que nos dessem bestas pera alguuns fidalguos que as não traziam e pera nossos ministros as quais deram desses bispos e gentis homens. Sahio como diguo a Senhora Infante por huã daquellas ruas toldada, com todos seus ministros diante & seus porteiros de maça hia com ella a duqueza e a viscondessa com suas damas, e a porta do paço estaua o Cardeal com sua cruz & sua familia bem ataviada. Falou a Senhora Infante com aquella grauidade e cortesia de seu habito a que a que a Senhora Infanta seguio os termos no que lhe fez guoardando discretamente sua grauidade. Pos se o Cardeal a mão esquerda dela, e loguo deante o Arcebispo & eu e mais deante hum daquelles embaixadores dos Soyzesos e com elle o visconde sobrinho do duque, o que os bispos que loguo hiam diante sofriam de má vontade & ouue entre elles rumor que se sentio por tomar aquelle lu/ gar sem ordem, que não era seu. Todo o genero de molheres estauão as portas das ruas essas mais honradas muy bem atavyadas e bem vestidas e com grande prazer festejauão aquella festa com suas fallas e muitos benções a Senhora Infante louvando-a grandemente, ella certo hia de maneira pera ser louuada assy pelos ricos e gualantes vestidos que leuaua como por sua gentileza e formosura sem levar mantilha. Tornou a sayr por outra porta da cidade que vay ter áquella grande ribeira que passa pellos muros della por entre elles e o arabalde que por então hia pequena que se podia bem vadear, e porem mostraua que esprayaua mt^o em tempo de inverno com hum grande ponte de pedraria que se então fazia e outra de madeira com huã torre no meyo della até onde estauão feitos os arcos tão altos que fizeram pouco nojo ao passar por baixo delles lugar tão gracioso que me parece que se não pôde mais pintar, porque da parte dos muros da cidade na barbacam delles era cheo tudo de jardins e de la/ (fl. 35) rangeiras e parreiras que ficauão como em varanda do muro obra de dous tiros de besta ou mais, auia casas muy boas no arabalde da parte do sertão contra a serra que dali parecia pomares grandes e vinhas e grande soma de quintas com casas de torres que pareciam muy bem e da outra parte do arabalde hum grande valle com ortas e muitas aruores muy graciosas de nogueiras e outras aruores.

Deste lugar se via parte do mar e da ribeira. Neste lugar que diguo da ribeira por onde hia a Senhora Infanta, que era assaz longuo e comprido estauão mais de mil e quinhentos homens delles com picas ás costas e outros com bestas e espinguardas tudo muy bem concertado & desfecharam e na volta destes hum grande numero de mininos e moços pequenos todos vestidos de branco com humas bandeyras de papel pintadas com as armas do duque e as de V. A. em huãs canas & todos com aquelles grandes gritos nomeando Saboya e Portugal, & neste mesmo campo esses gentis / homens em especial hum daquelles condes lançauam seus caualllos com aqueles saltos em que elles teem sua presunção, alguns deles me pareceram bons caualllos.

Tornou a entrar por outra porta da cidade diante da qual estaua hum paleo de damasco branco e cramezim posto em suas varas e toda a cle-rezia da cidade em que averia quinze capas de brocado, e entre elles hum bispo vestido de branco, & deante estauam os frades de São Francisco e São Domingos e do Carmo com outras capas ricas e com mesas postas com muitas reliquias, aqui se fez huã arengua a senhora Infanta com orações e benções. Vieram os guouernadores da cidade com paleo e começou de entrar pella rua que estaua corregida como as outras com aquellas procisoas e cruces diante cantando todos innos conformes a festa o *Té Deum laudamus*. Isto era já com tochas e grandes lumes que todos tinham nas mãos por onde hiamos, & alguns duas tochas cada hum em sua mão, e assy o usa/ (fl. 36) uam os pagens do duque, posto que as suas são mais pequenas que as nossas. Primeiro o Arcebispo e eu por respeito das cruces e pro-cissões fomos ter á porta do paço e cuidando que não avia mais que fazer o Arcebispo se foi pera a pousada, eu soube como a Senhora Infanta decia no moesteyro, torney me pera ella estaua mui corregido.

He casa muy honrada e feita de abobada com muitas capellas ricas e bons retabolos, dentro na capella mór estaua corregido pera fazer oração a Senhora Infanta com panos de brocado & almofadas delle e veludo crame-sim, onde a fez. O cardeal a mão esquerda sem entrar no estrado, o quoad tornou com ella te porta da crasta que vinha ter ao pateo das casas, dali se despedio dela com as mesmas cortesias dantes e ella com as suas. Fui com ella té a deixar em seu apousentamento, & estando la me mandou o duque chamar pera cear com elle e que leuasse todos esses fidalguos que me parecesse bem. E por / que estaua ahi a mor parte delles não fiz mais que dizer lho, fomos loguo todos. Estaua huã cea apercebida no refeitório do moesteiro já dito, onde já o duque estaua, o Arcebispo se escusou por ser já na pousada, não soube ninguem que auia d' auer convite, que me pareceo

milhor que tudo por não ser cousa de preposito. Estauam n' esta casa seis esteos de pedra, que sostinham a naue della por ser muy largua e comprida e conveniente pera a tal festa, estes erão pintados de huã pintura arazoada posto que a tapeçaria as cobria. Nos esteos estauão feitos huns candieiros de madeira bem pintados & em cada hum delles seis tochas & eram postas cinco mesas todas ao comprido da casa & a do meyo hum pouco mais arredada das outras, e porem no mesmo compasso d' ellas & n' ella hum dorsel de brocado & outro na copa em que estaua pouca baixella dourada mas muitos picheis copos & frascos que comprião pera o seruiço d'aquella noi / (fl. 37) te, porque a outra mesa da copeira não se pos senão o primeiro dia, muytos bacios grandes e pequenos de seruiço com aquellas prateiras em que elles comem, pequenas tirando o comer das outras grandes. A esta copa leuauam os seus gentis homens os nossos forçando-os que bebessem, o duque se assentou & eu junto com elle e nas outras mesas esses fidalgos nossos de volta com esses seus gentis homens e sehores e condes que eram muitos sem embargo de ficarem outros em pé que os seruiam vestidos de brocado de trazerem as yguoarias e darem de beber com tanto despejo e prazer que não avia ahi nenhum modo de grauidade nem descontentamento em não serem dos assentados a mesa nem cuidando de tomar nella os luguares. Foram as yguoarias muitas e mutto bem corregidas grande diuersidade de aves, pauões, capões, rolas e perdizes, todos os passaros, pasteis de mil maneiras em que entratauão pasteis de tutanos e marmellos, muitos e bons vinhos brancos e vermelhos muytas fruitas / de mel e açucar muy bem feitas. ~

Já no fim do comer vinham alguns desses bispos e outros senhores que cheguauão de bom geito a mesa do duque e elle os aguasalhaua com motes e prazer, & elles com bom despejo com outros tantos motes com os covidados se assentavam nas outras mesas e remeçauão se huns aos outros pellouros que fziam de pão & aynda que dessem a hum bispo nos olhos tudo era prazer e folguar, e delles se punham no topo das outras mesas com as costas viradas pera o duque. Leuãotou se o duque e com elle todas as outras mesas pera darem lugar ás festas, assentou-se em hum cabo da casa com dorsel e eu junto com elle e o embaixador dos Soyzesos da outra parte que se ahi aceitou e esses outros gentis homens assim nossos como seus per ahi abaixo em outros assentos. Aqui estauão já mt^{as} damas e donas da villa fermosas e bem vestidas com quem primeiro começaram a dançar os seus gentis homens & alguns da cidade, dançauam todos juntos / (fl. 38) suas danças mais depressa que as nossas usando muy a meudo de suas cortesias beijando-se que auiam por grande descortesia aquella a que se não

fazia. Chamauão-se aquellas danças d'alta Alemanha que nos pareceo muy bem que eu mal saberey mostrar e menos fazer e des que bem cansavão os deixauam & hião-se aos pés do duque, as quais elle recebia com muitos guasalhados huãs nos pés e outras no seu rosto delas dando-lhe a mesma paz & a mim me fez assentar hum que tiue muito pouco e elle muito as suas. Tornaram outra vez por mandado do duque a dançar com os nossos e a volta delles alguns dos seus que faziam outro tanto e seguião o modo de sua cortezia e assy dançaram cõ ellas danças de Portugal e o tordião porque ellas tudo faziam muy bem sem perder compasso da dança inda que não soubessem o modo della e assim tornaram a levar as damas aos mesmos lugares aos pés do duque que as agualhaua sempre da maneira já dita . Apos isto entrou outro Gil Vicente com huã / representação de pastores que foi hum auto de amores, porque não entendia a linguagem não sey o que dezia.

Acabando de se estes recolherem entraram dez ou doze desses gentis homens armados d' arnezes inteiros com suas celladas e espadas brancas nuas bem limpas e afiadas pera tornear & en cima das armas traziam pellotes de seda e de pano de cores quarteados e cortados, por tea hum pao atrauessado de hum esteo da casa a parede & dous de huã parte e dous da outra cada hum com seu & se esquentauam de maneira nos gopes que dauão que em quanto os juizes lhes lançauam bastões que pera isso estauão ordenados não acabauam tão azinha. E assy se combaterão todos e deram fim a seu torneio. Pareceo-me muy bem. Eu disse ao duque que era aquelle muy bom exercicio em especial pera este tempo. E estes assim armados em tirando sómente as armaduras da cabeça tornaram a dançar com as damas. Apos isto vieram fruitas sobre que todos beberam mais / (fl. 39) vinho que agoa e eram seruidos pello mordomo mór e officiaes do duque e elles por sua mão dauão de beber ás damas & assy aos outros. O duque despedio as damas e se foi pera sua casa & eu com elle, e esses fidalguos que se hi achauam do conuite, e na escada me despedio e não quis que mais sobisse.

Ao outro dia mandey convidar dez ou doze desses senhores e hum dos embaixadores dos Soyzesos que o outro estaua doente e lhe pezou muito de não ser na festa, e se mandou desculpar que lhe pezaua muito de não ver concertos que lhe os outros guabauam tanto. O banquete foi bem oficiado de ministreys e chocarreiros a que compryo de suprir no que elles pediam aos conuidados. Entre as outras fruitas ouue fartens que inda sobejaram do mar a que se lançauam não sey se pella pimenta que teem, se por ser fruyta noua antre elles, de maneira que hum bispo leuou as mangas cheas pera mostrar. Neste dia á tarde ouue ahi outro torneyo no terreyro do paço

com tochas com inuensões de donzel/ las, que os traziam presos por cadeas de ouro, quando entrarão no terreiro pera tornear, o duque e a Senhora Infante os viram de huma varanda onde estauão & acabado se foram o duque estaua com a Senhora Infante até seu apouentamento , o que té então não fez e eu indo junto com a duquesa de Namur me disse que já aquillo era começar o duque de tomar costumes de Portugal, respondi-lhe que assy era bem que os tomasse , e que a Senhora Infante iria tomando os seus. E eu creio que parecemos bem a esta gente porque não fallo no pouo e damas da villa que cada dia per onde passuamos se lançuam das janellas fora por nos ver, mas estes gentis homens que hum pouco vem estas cousas com algum descuido e grauidade nos olhos que faziam alguma cousa duuidosa de quão bem lhe pareciamos. Soube agora de hum gentil homem do duque, italiano que teue carguo de me aguasalhar e pello bispo desta cidade e per outros que viram / (fl. 40) as festas da entrada d’ El Rey Fellipe em Castella e da vista d’ El Rey de França e d’ El Rey de Inglaterra que nunca em dellas viram tão bem ataiada gente nem tão ricamente. E he de crer pois o confessam e dizem homens tão cheios de borcados e sedas como nos e de muitos mais borcados como seriam os outros só pello nosso conceito & atilamento. E assim o tem todos escrito a Roma e a França. ~

Notas finais

Durante o processo de publicação deste artigo tivemos conhecimento de que, ao invés do que pensávamos, o documento de 1588 não está desaparecido. Informa-nos o livreiro-antiquário Pedro de Azevedo que o ms. “Descendencia e Linhagens dos Castello-Branco”, de 260 fólhos, que figurou no leilão Nepomuceno de 1897 com o nº 2187, foi logo a seguir adquirido pelo próprio leiloeiro Francisco Arthur da Silva, livreiro dono de empresa editorial, habitual comprador em nome de terceiros que não queriam dar a conhecer o nome; e reapareceu à venda em excelente estado em 2016 em leilão da Cabral Moncada em Lisboa, encontrando-se hoje em colecção privada que deseja manter o anonimato: mas está em boas mãos.

Bibliografia

- BARATA, António Francisco. 1897. *Catálogo dos Principais Manuscritos da Livraria do Visconde da Esperança*. Évora: Minerva Eborensis.
- BUESCU, Ana Isabel. 2019. *D. Beatriz de Portugal. A Infanta Esquecida (1504-1538)*. Lisboa: Presença.
- CAMÕES, José, e João Nuno Sales Machado. 2010. “Who’s in a name?”. In *A Custódia de Belém. 500 Anos*, 89-103. Lisboa: MNAA.
- CORREIA, Gaspar. 1992. *Crónicas de D. Manuel e de D. João III (até 1533)*, leitura, introd., notas e índice de José Pereira da Costa. Lisboa: Academia das Ciências.
- INÁCIO, Nuno Campos. 2017. *História do Condado de Vila Nova de Portimão*. Albufeira: Arandis.
- IRIA, Alberto. 1976. *Da Importância Geo-Política do Algarve na Defesa Marítima de Portugal nos Séculos XV a XVIII*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- MACHADO, Diogo Barbosa. 1752. *Bibliotheca Lusitana*, tomo III. Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues.
- MACHADO, Diogo Barbosa. 1758. *Bibliotheca Lusitana*, tomo IV. Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero. 1983. «Duas Descrições do Algarve do Século XVI». In *Revista de História Económica e Social*, Cadernos 3. Lisboa: Sá da Costa.
- MANGUCCI, Celso. 1998. *Quinta de Nossa Senhora da Piedade - história do palácio, jardins e azulejos*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal.
- MOREIRA, Rafael. 2019. «A janela do coro do Convento de Cristo. Fontes, autoria, significado». *Monumentos* 37: 70-83.
- PINTO, Carla Alferes. 2018. «Objectos artísticos, aparato e cor carmesim na memória esquecida do casamento da infanta D. Beatriz (1521)». In *Casamentos da Família Real Portuguesa. Êxitos e fracassos*, coordenação de Ana Maria Rodrigues, Manuela Santos Silva e Ana Leal de Faria. Vol. 4, 169-198. Lisboa: Círculo de Leitores.
- RAMALHO, Américo da Costa. 1985-1986. «D. Martinho de Castelo Branco, morto em Alcácer Quibir». *Humanitas* 37-38: 281-283.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. 1978. *História de Portugal* III. Lisboa: Verbo.
- SILVA, Inocêncio Francisco. 1894. *Dicionário Bibliographico Portuguez. Estudos de ... continuados e compilados por Brito Aranha*, Tomo XVII. Lisboa: Imprensa Nacional.

SILVEIRA, Luís. 1946. *Cunha Rivara*. Lisboa: Edições SNI.

TRINDADE, Luiz. 1897. *Catalogo da Livraria do Fallecido Distincto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno*. Lisboa: Empresa Editora de Francisco Arthur da Silva.